

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Carta encyclica do nosso Santo Padre Leão XIII sobre a devoção do Santissimo Rosario.* — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christiã (XXXIII) O culto dos anjos,* pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus,* pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *Satanaz nas lojas maçonicas, revelações de Diana Vaughan.* — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre a missa de defunctos;* — *Decreto geral acerca das Orações e Sequencia das Missas de defunctos.* — SECÇÃO LITTERARIA: *Um copo,* pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; *Et nox facta est,* pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Sacrificio da filha de Jephthe;* — *Commemoração dos fiéis defunctos,* pela redacção. — SECÇÃO NICHOLICA: pelo rev.^{mo} sr. Conego Francisco Maria Constantino Ferreira Pinto. — **RETROSPECTO:** pela redacção.

GRAVURAS: *Sacrificio da filha de Jephthe;* — *Commemoração dos fiéis defunctos.*



SACRIFICIO DA FILHA DE JEPHTE



CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA

AOS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS, BISPOS
E OUTROS ORDINARIOS
EM PAZ E COMMUNHÃO COM A SÉ APOSTOLICA

*Aos Nossos veneraveis Irmãos os Patriarchas,
Primazes, Arcebispos, Bispos e aos outros
Ordinarios em paz e communhão com a Sé
Apostolica*

LEÃO XIII, PAPA

SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

MUITAS vezes já, no decurso do Nosso supremo Pontificado, Nos foi dado testemunhar publicamente a Nossa confiança e a Nossa piedade para com a Bemaventurada Virgem, sentimentos que concebemos desde a Nossa infancia, e que durante toda a Nossa vida Nos temos esforçado por sustentar e desenvolver na Nossa alma. Atravessando circumstancias egualmente funestas para a religião christã e perigosas para os proprios povos, reconhecemos quando importa á Nossa solicitude recomendar mui poderosamente este auxilio da paz e da salvação que Deus, na sua grande benevolencia, deu ao genero humano, na pessoa da sua augusta Mãe, e que se tem sempre manifestado d'uma maneira evidente na historia da Igreja.

O zelo das nações catholicas tem, em todas as partes, correspondido ás Nossas exhortações e aos Nossos votos; a devoção do Santissimo Rosario tem-se espalhado, e não tem deixado de produzir uma abundancia de excellentes fructos. Entretanto, Nós não podemos cangar-Nos de celebrar a divina Mãe, que é verdadeiramente muito digna de todos os louvores e de recomendar aos fieis o zelo e o amor para com esta Mãe dos homens, que é cheia de misericordia, cheia de graça. Mais ainda: a Nossa alma, acabrunhada de cuidados apostolicos, á medida que sente aproximar-se mais para Nós o momento de deixar esta vida, olha com a mais ale-

gre confiança para Aquella de quem, como d'uma aurora bendita, raiou o dia d'uma felicidade sem fim.

Se, Veneraveis Irmãos, Nos é consolador lembrar que, por outras Cartas publicadas em intervallos regulares, temos louvado o Rosario, oração que, sob todos os aspectos, é agradável A'quella que se trata de honrar e muito util áquelles que a recitem como convem, é-Nos tambem consolador poder insistir nas Nossas instrucções e confirmal-as.

Apresenta-se-Nos assim uma excellentemente occasião para exhortar paternalmente os espiritos e os corações a crescerem em piedade e a reanimarem n'elles a esperença das immortaes recompensas.

A oração de que fallamos recebem especialmente o nome de Rosario, como se imitasse o suave perfume das rosas e a graça das grinaldas floridas. Assim como é propria para louvar a Virgem que, por justo titulo, é saudada como a *Rosa mystica* do Paraizo, e que alli está coroada com um brilhante diadema, como sendo a Rainha do universo; assim tambem, graças ao seu nome, ella parece presagiar a corôa de joias celestes que Maria offerecerá aos seus servidores.

E' o que se afigura claramente áquelle que considera a essencia do Rosario; nada ha, com effeito, que mais nos seja aconselhado pelos preceitos e pelos exemplos de Nosso Senhor Jesus Christo e dos apóstolos do que invocar Deus e pedir-lhe o seu auxilio. Em seguida, os Padres e os doutores advertiram-nos da necessidade da oração, necessidade tão grande que os homens, que negligenciassem este dever, em vão contariam com a salvação eterna.

Mas se a oração, pela sua mesma natureza e segundo a promessa de Christo, é o caminho que conduz á obtenção das graças, dois elementos sobretudo, ninguém o ignora, lhe dão uma grande efficacia: a assiduidade e a reunião d'alguns fieis.

A primeira é indicada pelo convite cheio de bondade que Christo nos dirige: «*Pedi, procurae, batei.*» (Math., VII, 7.)

Deus é semelhante a um excellentemente pae que quer certamente satisfazer os desejos de seus filhos, mas tambem deseja ser muito invocado por elles, e como importunado pelas suas orações, de sorte que elle ligue a sua alma pelos mais estreitos laços.

Nosso Senhor tambem, por mais de uma vez, fallou da oração commum: «*Se dois d'entre vós se reunirem na terra, seja qual for a coisa que peçam, lhes será dada por meu Pae, que está nos Céos, porque, onde se encontram duas ou tres pessoas reunidas em meu nome, estou no meio d'ellas.*» (Mat.

XVIII, 19 20.) Foi a este proposito que Tertuliano nos disse com energia: «*Nós nos reunimos para rodear Deus de nossas orações, como estendendo-nos a mão; esta violencia é agradável a Deus.*»

Tambem Santo Thomaz d'Aquino diz esta palavra memoravel: «*E' impossivel que as orações de muitos homens não sejam ouvidas, se essas numerosas orações formarem, por assim dizer, uma só.*»

Estas duas exhortações encontram-se perfeitamente applicadas no Rosario. N'esta oração, com effeito, para Nos não estendermos mais, lembramos as nossas supplicas afim de implorar do Pae celeste o reinado da graça e da sua gloria. Invocamos assiduamente a Virgem Maria para que, por sua intercessão, Ella nos socorra, a nós que estamos expostos ao peccado, seja durante toda a nossa vida, seja na derradeira hora, que é a porta da Eternidade.

Este mesmo Rosario é completamente apropriado á oração commum, e não foi sem razão que se lhe chamou o *Psullerio de Maria*. E é necessario guardar religiosamente ou fazer renascer este costume, que estava em vigor entre os nossos antepassados: nas familias christãs, tanto nas cidades como nas aldeias, era um uso sagrado, no declinar do dia, depois do trabalho, reunirem-se diante da imagem da Virgem e alternarem as partes do Rosario. Vivamente commovida por esta piedade fiel e commum, Maria protegia a familia como uma mãe protege seus filhos, concedendo-lhe os beneficios d'uma paz domestica que era como o presagio da paz celeste.

Considerando esta virtude da oração commum, entre as decisões que em diversas epochas tomamos a respeito do Rosario, reeditamos esta: «*Desejamos que ella seja recitada quotidianamente na cathedral de cada diocese, e todos os dias de festa nas parochias.*» (Carta apostolica *Salutaris ille*, datada de 24 de dezembro de 1883.) Seja esta pratica observada com constancia e zelo. Vemos com alegria que ella é seguida e que se espalha n'outras manifestações solemnes da piedade publica, e nas peregrinações aos santuarios celebres, sendo para desejar que o numero cresça.

Esta associação d'orações e de louvores a Maria tem algo de dulcissimo e de salutar para as almas. Nós mesmo o temos sentido — e o Nosso reconhecimento Nos anima a lembral-o — principalmente quando em certas circumstancias solemnes do Nosso Pontificado, Nos achavamos na basilica vaticana, rodeado de grande numero de homens de todas as condições, que

unindo as suas orações, as suas vozes, e a sua confiança ás Nossas, supplicavam, com ardor, pelos mysterios e pelas orações do Rosario, á benevola protectora da religião catholica.

E, quem poderá pensar e dizer que a viva confiança que temos posto no auxilio da Virgem era excessiva? Certamente o nome e o papel de perfeito Conciliador não convem a nenhum outro senão a Christo, porque foi só Elle que, Deus e homem ao mesmo tempo, restabeleceu o genero humano em graça com o Pae supremo. «Ha só um mediador entre Deus e os homens, Jesus Christo homem, que se entregou para a Redempção de todos.» (1 Tim., II, 5, 6.) Mas se, como ensinou o Doutor Angelico, «nada impede que alguns outros sejam chamados *secundum quid*, mediadores entre Deus e os homens, comtanto que collaborem na união do homem com Deus, *dispositae et ministerialiter*» (III Q. XXVI, a 1, 2) taes como os Anjos e os Santos, os Prophetas e os Padres dos dois testamentos, a mesma gloria convem plenamente á Santissima Virgem.

E' impossivel conceber ninguem que, para reconciliar Deus e os homens, tenha podido no presente ou possa no futuro proceder tão eficazmente como Maria. Aos homens que corriam á perda eterna, ella trouxe um Salvador quando recebeu a noticia d'um sacramento positivo, levada pelo Anjo á terra, dando-lhe um consenso admiravel, em nome de *todo o genero humano*. (S. Th. III Q. XXX a 1.) E' ella Aquella *de quem nasceu Jesus*, a sua verdadeira Mãe, e por este motivo uma digna e mui agradável *Mediadora junto do Mediador*.

Como estes mysterios são no Rosario propostos successivamente á lembrança e á meditação dos piedosos feis, vê-se o papel de Maria na obra da nossa reconciliação e da nossa salvação. Ninguem pôde subtrahir-se a uma doce commoção ao considerar Maria, seja quando na casa d'Ízabel apparece como instrumento das graças divinas, seja quando apresenta seu Filho aos pastores, aos reis, a Simão.

Mas que sentimentos se experimentam ao pensar que o sangue de Christo espalhado por nós e pelos membros nos quaes Elle mostra a seu Pae as feridas recebidas *como preço da nossa liberdade*, não são outra coisa senão o corpo e o Sangue da Virgem?

Com effeito, «a carne de Jesus é a carne de Maria, e ainda que ella tenha sido exaltada pela gloria da resurreição, a natureza d'esta carne ficou entretanto e permanece a mesma que foi tomada de Maria.» (S. Ag.)

O Rosario tem ainda um outro fructo notavel, em absoluta relação com as

necessidades dos tempos. Já lembramos este fructo. Consiste em que, quando a virtude da fé divina se encontra exposta a tantos ataques e a tantos perigos, o Rosario fornece ao christão com que a alimentar e com que a justificar eficazmente. As divinas escripturas chamam a Christo «auctor e consumidor da fé.» (Hebr. XII, 2); auctor da fé porque Elle proprio ensinou aos homens um grande numero de verdades que elles deviam crêr, sobretudo aquellas que dizem respeito a elle, a elle que «habita toda a plenitude da Divindade.» (Col. II, 9), e porque pela sua graça e de certo modo pela unção do Espirito Santo, lhes dá affectuosamente os meios de crêr;—consummador d'esta mesma fé, porque é elle que torna claras no céo as coisas que o homem não percebe na sua vida mortal senão atravez d'um véo, e alli mudará a fé presente em illuminação gloriosa.

Certissimamente, na instituição do Rosario, a acção de Christo fez-se poderosamente sentir. Meditando-o é a sua vida que nós consideramos, a sua vida privada nos mysterios gososos, a sua vida publica até á morte no meio dos maiores trabalhos e das maiores dôres, enfim a sua vida gloriosa que, depois de uma resurreição triumphante, se acha transportado á eternidade, onde está sentado á direita do Pae.

E poisque a fé, para ser plena e digna, deve necessariamente manifestar-se «porque se crê no seu coração para a justiça, mas se confessa a fé pela bocca para sua salvação», (Rom X, 10), encontramos precisamente no Rosario um excellento meio de a confessar. Com effeito, pelas orações bocaes que o formam, podemos exprimir e confessar a nossa fé em Deus, nosso Pae, cheio de providencia, na vida futura, na remissão dos peccados, e tambem a nossa fé nos mysterios da SS. Trindade, do Verbo feito homem, da maternidade divina, e em outros mysterios. Ora, ninguem ignora qual é o preço e o merito da fé. A fé não é outra coisa senão o germen escolhido de onde nascem actualmente as flores de toda a virtude, pelas quaes nos tornamos agradaveis a Deus e d'onde nascem mais tarde os fructos que devem durar sempre. «Conhecer-te a ti mesmo é, com effeito, a consummação da justiça, e conhecer a tua justiça e a tua virtude é a raiz da immortalidade.» (Sap., XV, 3.)

E' conveniente, a este proposito, acrescentar aqui alguma coisa, dizendo n'uma palavra os deveres de virtude que a fé necessariamente reclama. Entre estas virtudes encontra-se a penitencia, que comprehende a *abstinencia*, virtude necessaria e salutar sob mais d'um aspecto. Se a Igreja, n'este par-

ticular, trata de dia para dia d'uma maneira mais clemente seus filhos, estes, em compensação, devem comprehender o dever que tem de compensar por outras obras esta maternal indulgencia. Apraz-Nos juntar este motivo aquelles que já Nos levaram a recomendar o Rosario, que pôde igualmente produzir bons fructos de penitencia, sobretudo graças á meditação dos soffrimentos de Christo e de sua Mãe.

Porisso, nos esforços que fazemos para chegar ao soberano bem, o Rosario foi-Nos indicado como sabia providencia, como soccorro, soccorro tão apto para convir a todos e tão facil em utilizar que não soffre comparação sob este aspecto com nenhum outro. Qualquer pessoa, com effeito, mesmo mediocremente instruida na religião, pôde servir-se d'elle facilmente e com proveito, e o Rosario não toma tempo demasiado que prejudique as occupações de quem quer que seja. Os annaes sagrados abundam em exemplos opportunos e celebres; e sabe-se bem que muitas pessoas, quer encarregadas de pesadas funcções, quer absorvidas por occupações laboriosas, nunca interromperam um só dia este habito de piedade.

A devoção do Rosario harmonisa-se suavemente com esta affeição intima da religião que nós professamos para com a corôa sagrada, affeição que leva aquelles que a experimentam a amal-a como a companheira inseparavel da sua vida e sua fiel protectora, a abraçala na sua suprema agonia, em que a consideram como o doce presagio da incorruptivel corôa de gloria.» Este presagio é poderosamente apoiado pelo beneficio das indulgencias sagradas, comtanto que se esteja disposto a recebê-las.

A devoção do Rosario foi enriquecida d'estas indulgencias d'uma maneira crescente, pelos Nossos predecessores e por Nós mesmo. Estas indulgencias, outorgadas d'alguma sorte pelas proprias mãos da Virgem misericordiosa, devem aproveitar muito aos moribundos e aos defunctos, de maneira a fazel-os gosar mais cedo das consolacões da paz tão desejada e da luz eterna.

Estas razões, Veneraveis Irmãos, Nos impellem a não cessarmos de louvar e de recomendar ás nações catholicas uma forma tão excellente da piedade, uma devoção tão util para conduzir o homem ao porto de salvação. Mas somos tambem impellidos a isso por um outro motivo muito grave, a respeito do qual, algumas vezes já, nas Nossas cartas e nas Nossas allocuções, temos aberto a Nossa alma.

As Nossas acções, com effeito, ins-

piram-se dia a dia mais ardentemente no desejo,—concebido no Divino Coração de Jesus—de favorecer o movimento de conciliação que vae apparecendo entre os dissidentes. Ora, Nós comprehendemos que esta admiravel unidade não pôde ser preparada e realisada por nenhum meio melhor do que pela virtude das santas orações. Temos presente no espirito o exemplo de Christo, que, n'uma oração dirigida a seu Pae, lhe pediu que os seus discipulos fossem «um» na fé e na caridade. Que sua Santissima Mãe fez com fervor a mesma oração, temos uma excellente prova na historia apostolica. Esta historia apresenta-nos a primeira assembleia dos apóstolos, implorando e esperando, com grande esperança, a effusão promettida do Espirito Santo, e ao mesmo tempo Maria presente no meio d'elles orando especialmente. «Todos perseveraram juntos na oração com Maria, Mãe de Jesus.» (Act. I, 14). E' preciso que, assim como a Igreja no seu berço se uniu justamente a Maria nas orações, como promotora e guarda excellente na unidade; assim tambem, no nosso tempo, é muito opportuno operar do mesmo modo em todo o universo catholico, sobretudo durante o mez d'outubro, que ha muito tempo, em razão dos tempos afflictivos que a Igreja atravessa, Nós quizemos dedicar e consagrar a divina Maria, invocada pelo rito solemne do Rosario.

Por consequencia, redobre d'ardor por toda a parte a devoção a esta oração, sobretudo para obter a santa unidade. Nada pôde ser mais doce e mais agradável a Maria, que, unida no mais alto grau com Christo, deseja muito que todos os homens agraciados com o mesmo e unico baptismo de Christo, sejam tambem unidos a Elle e entre si pela mesma fé e perfeita caridade.

Penetrem mais profundamente nas almas os mysterios augustos d'esta fé, pelo culto do Rosario, para esta felicissima consequencia: «que imitemos o que elles contem e obtenhamos o que elles promettem.»

Entretanto, como penhor dos beneficios divinos e como testemunho da Nossa afeição, Nós vos concedemos de todo o coração a cada um de vós, ao vosso clero e ao vosso povo, a benção apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, ao vigessimo dia de setembro do anno de 1896, decimo nono do Nosso Pontificado.

LEAO XIII, PAPA.

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XXXIII

O CULTO DOS ANJOS

São elles esses espiritos superiores, que nos dias de prova foram fieis ao fim da sua informação e ao chamamento da divina graça; e humildes na sua elevadissima gerarchia toparam os encantos seus na submissão incondicionada do seu nobilissimo ser á sapien-tissima e santa vontade do Creador, que do nada, d'onde jaziam, tão generosamente os tirara e lhes dera o esplendor da vida, e os collocara em torno do seu throno, para partilharem ali, quanto possivel, da vida e das venturas da sua gloria insondavel, immorredoura, infinita.

São os primeiros ministros formados e constituídos pela Divindade, para a distribuição das suas misericordias e a participação das suas bondades.

Seres de tão puro e simplicissimo ser, que vivem sem interrupção, trabalham, sem que nunca cansem, vêm, sem outros olhos que o entendimento, descobrem e penetram o amago do nosso coração e o mais abstracto do nosso pensamento, vão na nossa companhia, sem serem vistos, tomam parte nos cultos, que á divindade dedicamos, recolhem os suspiros e os hymnos d'amor divino, que aqui se levantam e levam ao throno excelso de Deus esses perfumes, que o coração devoto dos crentes exhala e dando gloria a Deus se honram a si e nos consolam a nós, na invisível mas certissima convivencia connosco.

São elles a corôa, o purissimo esmalte, os mais finissimos traços da criação, o reflexo mais esplendido do poder divino, depois da sacratissima humanidade de Jesus e da Virgem Maria, amigos nossos, que nada actualmente cobigam, a não ser gloria para Deus e salvação para as nossas almas.

Quem isto saiba, como devem saber todos os que se honram com o santo nome de christãos, como poderá escusar-se de render culto a seres tão altos e tão queridos de Deus?

E' pois racional o culto dos anjos, dada a sua existencia, que á face das Escripturas santas ninguem pôde pôr em duvida. E' por isso que a fé assim nol-o ensina; e certamente que á razão não repugna. Esta, se não alcança a descobrir a existencia dos anjos tal qual ella é, bem comprehende que não é a nossa alma a cuspide do grande edificio do mundo espirital, ainda que finito, como creado.

Sonhou por isso sempre com a existencia dos genios, ou d'espiritos superiores, como são verdadeiramente os anjos.

Adorando-os, a nossa alma sente não pequena consolação, pois obsequia assim a obra do Creador mais bella, mais alta e mais pura, e vê terminar n'Elle o objectivo d'este seu culto.

Sabemos que elles vivem nos esplendores da eterna gloria e tratando com elles aviva-se em nós a esperança de possuirmos esse infindo bem, e as nossas maguas adormecem, cessa o nosso pranto, ameigam-se as proprias iras, desaparece o azedume, o susto passa, o alento nos bafeja, e tudo vemos, para bem se muda, as paixões calam-se e a razão nos falla.

Ao vermo-nos prostrados perante thronos tão fulgentes, dominações, potestades e virtudes tão altas, e principados tão fortes e tão estaveis, onde a verdade reina e a caridade se respira, os acanhados limites do nosso pobre ser dilatam-se e o nosso coração, como que ultrapassando as altas serrarias e os profundos valles do sensível, arde em chammas d'amor nos immensos mares do espirital e abstracto.

E' quando o suor frio da fraqueza nos corre sobre a espinha e assoma á nossa frente, se a salutar crença nos traz á memoria que anjos, archanjos, seraphins e cherubins se interessam por nós, e como que nos cobrem com as suas azas d'amor em chamma, recobramos vigoroso alento.

Quando, suspirando pelo muito de que carecemos, olhamos ao céu e o vemos tão alto, que nos faz temer que os nossos suspiros se percam no insondavel espaço, que nos separa e nunca lá cheguem: consola-nos a crença de termos na nossa constante companhia um anjo do Senhor, que nos guarda nos perigos e tentações, nos guia nos caminhos da virtude, e, quando oramos, recolhe os amorosos suspiros e nas azas do seu entendimento os levanta até ao throno do Altissimo entre os transportes do seu amor perennal, divino.

São os anjos como a guarda avançada dos exercitos christãos, que, invulneravel nas emprezas da gloria do Senhor, nos leva necessariamente ao glorioso triumpho, se após ella imos na campanha.

E' por isso o culto tributado aos anjos ponto de grande transcendencia na milicia christã.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAVA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis
da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 226)

CCLXVII

P. Carlos Grobendonque

GOTAVEL por muitos titulos este jesuita belga, que floreceu nos meados do seculo XVII. Tinha nascido em Malines, entrou ainda joven na Companhia de Jesus e em 1625, tendo apenas 25 annos, os seus superiores o enviaram á Bohemia para ali ensinar philosophia, porque era bem conhecida a sua aptidão n'esta sciencia.

Carlos Grobendonque foi professor de philosophia em Praga e Olmutz, com applauso geral, sendo muito estimado de todos, especialmente das pessoas nobres da Bohemia, que o consultavam como um homem consummado em litteratura e ainda nas coisas de publica administração.

Alli se conservou por espaço de 6 annos; mas, quando em 1631 os saxo-nios invadiram este reino, o jesuita Grobendonque se retirou a Passau na companhia do vice-rei da Bohemia que muito o estimava.

Terminada a lucta, regressou á cidade de Praga onde falleceu a 16 de dezembro de 1672, com sentimento de todos os que o conheciam.

Escreveu varias obras politicas, apologeticas e mysticas, todas em latim, segundo era costume no seu tempo, e que durou muito tempo depois.

Porquanto em nossos dias, e já de tempos a esta parte, está quasi abandonada a lingua latina...

Ora o jesuita Grobendonque publicou primeiramente uma obra sobre a politica. Não é, porém, sobre o que vulgarmente se chama politica, a arte de enganar: é contra a falsa politica que elle escreveu, ensinando o verdadeiro modo de governar os povos. E' a politica christã, a unica que pôde fazer a felicidade d'uma nação.

E foi esta a razão porque a nobreza da Bohemia consultava o nosso jesuita nos pontos difficeis dos negocios do Estado.

Em segundo lugar temos d'elle uma obra apologetica da Companhia de Jesus, que já n'aquelle tempo alguns accusavam de se ingerir nas coisas politicas. E' um *in-folio*, no qual rebate aquella calumnia.

Convem aqui dizer que mais de cem jesuitas em diversos tempos teem defendido a sua Ordem das accusações feitas por seus inimigos, em diversos

pontos. Mas a Companhia não precisa d'essas defezas. A verdade resulta nitidamente do testemunho da Egreja e de muitos escriptores insuspeitos.

Escreveu finalmente o P. Grobendonque diversas obras espirituaes, que revelam o seu grande espirito e fervor religioso. Ensina o methodo de passar em exercicios de piedade o anno ecclesiastico e de celebrar as principaes festividades de Nossa Senhora.

Era um homem de vasta erudição e de sagacidade em resolver as questões mais difficeis.

Como politico (já dissemos qual era a sua politica), como polemista e como mystico, o jesuita Carlos Grobendonque teve grande nomeada.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

Satanaz nas lojas maçonicas

REVELAÇÕES DE DIANA VAUGHAN

ESTÃO causando verdadeira sensação em todo o mundo as revelações de Diana Vaughan, antiga luciferina e hoje convertida á fé catholica, devido a um grande milagre de graça. As *Memorias d'uma ex-palladista* é a obra em que Diana Vaughan faz revelações extraordinarissimas, quasi inacreditaveis. Reconhecendo a grande necessidade da vulgarisação d'esta importante obra, o arrojado editor portuense, snr. Antonio Dourado, vae publical-a em portuguez, tendo confiado a traducção ao redactor do *Progresso Catholico*, que da melhor vontade se encarregou d'esse trabalho para honra e gloria de Deus. Com o nosso numero d'hoje, distribuimos, em appenso, o prospecto d'essa obra, no qual os nossos leitores podem lêr uma breve biographia de Diana Vaughan, e as phrases porque passou até á sua conversão.

Ora, no fasciculo 8.º das *Memorias d'uma ex-palladista* encontramos o seguinte, em artigo que não faz parte das memorias que vão ser publicadas em livro, e que traduzimos para que os leitores vejam — se é que já não estão convencidos d'isso — que Satanaz em pessoa apparece em certos Ateliers maçonicos.

Eis o interessante artigo de Diana Vaughan:

Um veneravel que ladra

Todos os nossos leitores sabem quanto foi discutido o facto da appareção do demonio n'uma Loja franceza, appari-

ção verificada pelo R. P. Jeandel, superior geral dos Dominicanos, e que desappareceu, quando o santo religioso, que um subterfugio d'um franc-mação, que duvidava, alli o levára, fez de repente um grande signal da cruz sobre os presentes. Durante muito tempo, alguns sustentaram que isto era *racontar*, sem base solida, publicado levanamente por diversos jornaes. Mas, em circumstancias bastante recentes, o Dr. Imbert-Goubeyne, de Clermont-Ferraud, apresentou provas reaes, estabelecendo que o R. P. Jeandel tinha narrado a sua aventura a algumas pessoas, e o *Univers*, se a minha memoria é fiel, abriu a este respeito uma especie d'inquerito, ao qual o Padre Bazelaire, conego d'uma diocese d'Est, trouxe um testemunho decisivo.

Na verdade, o facto não tinha nada de surprehendente. O demonio manifesta-se assás frequentemente nos Ateliers maçonicos de França, bem como nos dos outros paizes. Quando não apparece visivelmente, faz ouvir a sua voz. Nos Conselhos do 30.º grau, seja de que rito fór, e mesmo se o Atelier pertence á obediencia do Grande Oriente de França, *que se diz atheu*, o demonio mostra-se d'uma grande familiaridade com os seus adeptos, sob uma forma ou outra. A mais frequente é a d'um I. . . altamente graduado de nacionalidade estrangeira, que vem e mo visitador. Prestam-lhe as honras da abobada de ferro, julgando que tratam com um homem; porque tem todas as apparencias d'isso. Elle toma logar no oriente, junto do presidente do Atelier; pede a palavra; harenga á assembleia; excita á guerra contra Adonai e a sua Egreja; dá conselhos; indica a tactica a seguir; explica quaes são as leis que é de mais urgencia fazer votar pelos deputados e senadores. Depois d'isto, bruscamente, envolve-o uma brilhante luz; faz-se ouvir um trovão ao longe; a assistencia verifica que o eminente orador, que acaba d'applaudir, desapareceu. Todos sabem então que foi ao verdadeiro chefe da Ordem, ou a um dos seus espiritos, que viram e ouviram.

O que é extraordinario no caso do R. P. Jeandel, não é, pois, a presença do demonio no seio d'uma reunião maçonica; é a presença do santo religioso. Confesso que sou do numero d'aquelles que duvidam: parece-me admiravel, verdadeiramente admiravel, que um Irmão da perfeita iniciação se tivesse arriscado a introduzir n'uma tal assembleia um determinado Padre para provar o poder do signal da Cruz. Hoje, tendo fé no unico verdadeiro Deus, comprehendendo porque o R. P. Jeandel se mostrou tão avaro de confidencias, depois de facto tão grave, mercê do qual todas as testemunhas mações foram, uns

lançados por terra e ficaram irritados outros: é de toda a evidencia que o segredo se impõe ao santo religioso, sob pena de comprometter a existencia do I. . . que lhe serviu d'introductor: se este homem tivesse sido descoberto, é certo que teria sido assassinado.

Ora eis um factio, quasi da mesma ordem, que me foi certificado por um R. P. Franciscano.

Isto passou-se ha nove annos, n'uma grande cidade do sud-oeste de França, n'uma Loja onde não ha falta de sinceridade, se se julgar por certas apparencias. O Veneravel, que era Cavalleiro Kadosch, tinha por vezes impetos de furioso, quando dirigia os trabalhos do Atelier; fóra, era, ao contrario, um homem affável, placido, d'uma affabilidade e placidez muito em harmonia com as tranquillias funcções que exercia na administração municipal.

Um I. . ., que não tinha ainda apagadas no seu coração as piedosas recordações da sua infancia, andava aterrado com esta especie d'acesso de raiva que tomava o seu Veneravel quando presidia á sessão. Os discursos que ouvia, espantavam-no um pouco, pela sua impiedade, que julgava demasiado violenta. Entretanto, não ousava retirar-se da seita; mas andava atormentado, porque a sua consciencia lhe dava a perceber que se tinha mettido n'uma sociedade diabolica.

Sem dizer nada a ninguem, formou, um dia, um projecto de que tivera espontanea inspiração, ao regressar d'uma sessão em que o Veneravel havia sido mais violento que nunca. Entrou, de noite, n'uma igreja da cidade e tirou da pia um pouco d'agua benta, que guardou preciosamente n'um pequeno vidro; depois, entrando em casa, aspergiu o seu cordão e o seu avental de Mestre, dizendo: «Meu Deus, protejeime e poupae-me, se a vossa colera deve cair qualquer dia sobre a Loja de que faço parte.»

E voltou á Loja ainda duas vezes.

A primeira vez, realisou o seu secreto projecto. No momento em que o Veneravel perorava com a sua costumada raiva, exhortando um I. . . que acabava d'iniciar-se no 3.º grau, o franc-mação penitente, sem ser visto dos seus vizinhos, fez com a mão, sob o habito, o signal da cruz sobre o seu coração.

Houve uma verdadeira scena de theatro. Em vez de palavras humanas, o Veneravel poz-se a soltar furiosos latidos; ter-se-ia dito um cão ladrando de dor. A assembleia ficou estupefacta. A sessão terminou n'uma grande confusão. Alguns, ao sair, perguntavam-se se o seu presidente não estava doido.

Na reunião seguinte, o I. . ., com uma commoção facil de comprehender, renovou a experiencia, e o Veneravel la-

tiu de novo; era-lhe impossivel pronunciar uma palavra. O pescoço inchou-lhe; estendia os braços para a frente; os olhos, injectados de sangue, pareciam sair das orbitas; a garganta só emittia uivos sinistros. O I.º Vigilante fez prometter a todos os assistentes que seria guardado segredo sobre este incidente, que havia commovido todos até ao fundo das entranhas. Levaram o Veneravel, que, por fim, parecia aniquilado, e quizeram tratá-o; mas o medico declarou que elle estava de perfeita saude.

Quanto ao I.º penitente, deu a sua demissão na primeira occasião favoravel. Pouco tempo depois, tendo encontrado em casa d'um de seus parentes um Padre Franciscano que vinha d'Hispanha e se dirigia a Paris, narrou-lhe a aventura; o bom Padre acabou a sua conversão. Hoje, este franc-mação tornou-se excellente christão.

O digno religioso que me enviou esta narração pensa que o Veneravel, de que se trata, estava possesso. Partilho da sua opinião.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

SOBRE A MISSA DE DEFUNCTOS

QUENDO alguns ecclesiasticos de reconhecida piedade e illustração pedido ao Santo Padre que se dignasse conceder que podessem celebrar-se algumas vezes Missas rezadas de *Requiem*, nos dias de rito duplex, e commendado o exame d'esta supplica por Sua Santidade á Sag. Cong. de Ritos, esta, depois de bem considerado o assumpto, respondeu: Que, se assim parecesse a Sua Santidade: I Todas as Missas que se permittem celebrar nas capellas dos sepulcros canonicamente erectos ou que de futuro se erijam, possam ser de *Requiem* nos dias não impedidos por festa de primeira ou segunda classe, por domingos ou outros dias festivos de preceito, ou por ferias, vigílias e oitavas privilegiadas. II Nas igrejas e oratorios tanto publicos como particulares, e nas capellas dos Seminarios, Collegios e Comunidades religiosas d'ambos os sexos, estando presente, insepulto, ou tambem já sepultado o cadaver, porém não havendo decorrido mais de dois dias, podem celebrar-se Missas privadas de *Requiem* do dia do fallecimento ou sepultura; porém com as mesmas clausulas e condições, com as quaes, segundo as Rubricas e Decretos, se canta nos mesmos casos Missa solemne de *Requiem*; exceptuando os duplex de primeira

classe e dias festivos de preceito. Sem que obste qualquer outra disposição em contrario. Dia 10 de maio de 1896.

Sua Santidade dignou-se approvar e confirmar o precedente Decreto no dia 8 de junho do corrente anno.

As *clausulas e condições*, que, segundo as Rubricas e Decretos, tem que ter-se presentes nas Missas cantadas solemnes, são:

1.º No dia de defunctos, no dia do enterro e anniversario do defuncto, *dir-se-ha uma só oração*: e egualmente nos dias terceiro, setimo, trigesimo e sempre que se celebre *solemnemente* pelos defunctos: nas outras Missas *dir-se-hão varias orações*, como se advertirá depois. *Rubr. tit. V, n.º 3.*

2.º A *Sequentia* deve dizer-se sempre em todas as Missas cantadas. (Dec. de 30 de junho de 1896); e nas rezadas que admittem uma só oração. *Rubr., Ibid., n.º 4.*

3.º Se o cadaver está *insepulto*, porém *ausente*, é necessario distinguir: se não pôde levar se o cadaver á igreja, por causa d'alguma lei civil ou por haver contagio, pôde cantar-se a Missa nos mesmos dias que quando está presente. (Decreto de 9 de junho de 1884).

4.º Se o cadaver ainda insepulto, está *ausente por qualquer outro motivo*, n'este caso não pôde cantar-se a Missa nos duplex de 1.ª classe (Decreto de 21 de julho de 1855) nem nas ferias segundas e terceiras de Paschoa e Pentecostes, nem no Triduo ultimo da Semana Santa, (Decreto de 13 d'agosto de 1839); mas pôde cantar-se nos duplex de 2.ª classe (Decreto de 22 de março de 1862) e nas ferias segunda, terceira e quarta da Semana Santa, segundo o Decreto de 23 de setembro de 1837, que a auctorisa na feria segunda para um *defuncto já sepultado*, que tem menos privilegios do que o *ausente insepulto*. E se se permite na Semana Santa, a *fortiori* se pôde e deve permittir nas infra oitavas privilegiadas, na quarta-feira de Cinza, nas vigílias da Natividade, Epiphania e Pentecostes; porque estes dias não são mais privilegiados do que as ferias da Semana Santa (*De Herdt, t. 1.º, n.º 56. Resp. II.*)

5.º Quando o cadaver está já *sepultado* n'um dia em que se prohibia a Missa de *Requiem*, ou no mesmo dia antes da Missa exequial, não poderá cantar-se esta nos domingos e festas de preceito, nem em duplex de 1.ª e 2.ª classe, nem no segundo Triduo da Semana Santa, nem no dia das oitavas de Epiphania e *Corpus Christi*, nem durante o tempo da exposição das Quarenta Horas; mas poder-se-ha em todos os outros dias, ainda nas vigílias da Natividade, Epiphania e Pentecostes, quarta feira de Cinza, primeiro Triduo da Semana Santa e infra oitavas pri-



COMMEMORAÇÃO DOS FIEIS DEFUNCTOS

vilegiadas. (Decreto de 11 de julho de 1880.)

6.º *Passados já alguns dias* depois de sepultado o cadaver, para aguardar a chegada de parentes e amigos, se já se disse a Missa de sepultura, não póde cantar-se esta em dias duplex ou equivalentes. (Decreto de 27 de fevereiro de 1847).—Se todavia se não tiver celebrado a Missa, então poderá cantar-se; não porém em qualquer dia, mas no seguinte, ou primeiro não impedido. (Decreto de 11 de maio de 1754). Quando se receba a noticia d'uma defuncção *no sabbado depois do meio dia*, póde cantar-se a Missa na segunda-feira seguinte, *ainda que o officio seja duplex não festivo*. (Decreto de 3 de março de 1761). Convém advertir que os Regulares teem o privilegio de poder celebrar a Missa de *Requiem*, como no dia de *obitus* ou d'enterro, em cada uma das egrejas da Ordem ou da Provincia, no primeiro dia não impedido depois de terem recebido a noticia do fal-

lecimento d'algum religioso. (Decreto de 16 d'abril de 1853).

Mas como o Decreto termina dizendo que as *Missas privadas de Requiem* se hão de celebrar *com as mesmas clausulas e condições sem as quaes, segundo as Rubricas e Decretos, se canta nos mesmos casos Missa solemne de Requiem*, d'aqui se depreheende:

a) Que quando o cadaver está phisica e moralmente presente, ou sepultado, porém *não havendo decorrido mais de dois dias*, podem celebrar-se Missas privadas de *Requiem* em dias duplex; com excepção das acima mencionadas no decreto de 10 de maio de 1896, para as Missas rezadas. Quanto ás cantadas de *corpo presente* prohibem-se sómente nas festas de Natal, Epiphania, Pentecostes, *Corpus Christi*, Assumpção e Immaculada Conceição da Virgem, S. João Baptista, S. José, S. Pedro, Todos os Santos, Titular da egreja e Dedicção da mesma, ultimo Triduo da Semana Santa e as festas

de 1.ª classe que se celebram com grande solemnidade e pompa exterior, e durante a exposiçõ das Quarenta Horas. (Sag. Cong. de Ritos, 17 de julho de 1830; 31 d'agosto de 1872; 19 de junho de 1875 e 28 de dezembro de 1884).

b) Quando o cadaver ainda *insepulto* está presente por qualquer motivo, podem celebrar-se as ditas Missas rezadas de *Requiem* nos dias citados nos Decretos do paragrapho 4.º

c) Quando o cadaver fôr sepultado n'um dia em que não possa celebrar-se Missa de *Requiem*, n'este caso celebrar-se-hão nos dias que o permittam os Decretos citados no paragrapho 5.º

d) Se passados já alguns dias chegar a primeira noticia d'uma defuncção, então se celebrarão nos dias de que se faz menção nos Decretos do paragrapho 6.º

Decreto geral acerca das Orações e Sequencia das Missas de defunctos

Para tirar todas as duvidas acerca das Orações e Sequencia que se hão dizer nas Missas de defunctos, a Sag. Cong. de Ritos declara:

I. Que se dirá uma só Oração, em todas as Missas que se celebram na Commemoração de todos os Fieis Defunctos, no dia do enterro, ou n'aquelle em que se recebe a noticia da morte, e tambem nas Missas cantadas ou rezadas dos dias terceiro, setimo, trigésimo e anniversario, quando o permitta o rito, e além d'isso sempre que se celebre *solemmente* a Missa por defunctos, até com o rito que corresponda ao duplex, como no Officio que se recita depois de recebida a noticia d'uma defuncção, e nos anniversarios tomados d'um modo lato. (4)

II. Em quaesquer Missas quotidianas, quer sejam rezadas quer cantadas, dir-se hão varias Orações, das que estão indicadas no Missal, das quaes a primeira será pelo defuncto ou defunctos designados, pelos quaes se offerece o Santo Sacrificio; a segunda *ad libitum*, e a ultima para todos os defunctos.

III. Mas se a Missa se celebra pelos defunctos em geral, n'este caso dir-se hão as Orações que estão no Missal para as Missas quotidianas, e pela mesma ordem em que estão.

IV. Porém se nas mesmas missas quotidianas quizer o celebrante acrescentar mais orações como o permitem as Rubricas, isto só póde fazer-se nas Missas rezadas, tendo cuidado de que as orações sejam impares, contando com as outras prescriptas e terminando sempre com a Oração por todos os defunctos.

V. Finalmente, quanto á Sequencia, esta dir-se-ha sempre em quaesquer Missas cantadas, como tambem nas rezadas que se celebram nos dias privilegiados indicados no numero I: nos outros dias, segundo as Rubricas, póde recitar-se ou omitir-se ao arbitrio do celebrante. Não obstante quaesquer disposições em contrario. Dia 30 de junho de 1896.

(4) Se os dias 3, 7 e 30 e anniversario decorrem em dias impedidos, podem e devem antecipar-se ou trasladar-se para o primeiro dia não impedido ainda que seja duplex maior (Sag. Cong. Rit. 4 maio 1686) Porém os que se trasladem fóra das oitavas privilegiadas não podem contar-se em duplex maior, mas em duplex menor (Sag. Cong. Conc. 23 fevreiro 1884); a não ser que se tenha Indulto para cantar-se em duplex menor.

SECÇÃO LITTERARIA

UM COPO

Dos milagres se fallava
Que sancto Antonio fizera,
Quando um que mais os negava
O s gulute propozera:

- Se este copo que aqui tenho
- Não quebrar em pedra dando,
- Então, amigos, convenio
- Nos feitos do venerando. •

E o copo de vidro atria
D'alto sobre uma calçada:
Corre a vé-o, não partira,
Nem uma racha, nem nada.

E ao vé-o fica a cambada
Altamente confundida,
E toda maravilhada
Se confessa... convertida.

SEQUENCIA

— Isso creia-o quem quizer,
Que onde ha copo ha beberagem,
Diz outro que negar quer
A precedente passagem.....

Se estas vides, que aqui trajo
Do lume para consumo ..
Me dessem ainda um bago
D'onde eu tirasse algum sumo,

D'certo que acreditava
Na passagem que me arrotam.
Disse: e apenas acabava,
Eis que as seccas vides brotam.

E dentro em poucos momentoz,
Em vez d'um bago, mil ten;
Que em favor de seus portentos
Sempre Antonio por Deus vem.

E o il-o herege espantado,
Confundido, humilde e crente:
Eil-o descrido prostrado
Ante o Deus Omnipotente!

ALVES D'ALMEIDA.

Et nox facta est

(v. HUGO)

I

...Quatro mil annos caindo no espaço...

Todavia não tinha podido firmar o pé e levantar uma vez sequer, a sua frente desmedida. Confundia-se na sombra e nas trevas; só, e atraz d'elle nas noites eternas, caíam lentamente as penas desprendidas das suas azas.

Caiu fulminado, melancolico, silencioso, triste, aberta a bocca, expulso do céo, impresso no seu semblante livido o horror do abysmo. E gritou:— Morte! estendendo os punhos cerrados

para a sombra. Mais tarde esta palavra foi um homem e se chamou Caim.

Descia. De repente uma rocha lhe golpeou a mão; agarrou-se a ella e de-teve-se. Alguem lhe gritou de cima:— Caê, maldito, as estrellas se extinguirão de ao pé de ti!—e a voz se perdeu no horroroso e immenso vacuo.

Satanaz, pallido, olhou para a eterna aurora. Os sóes estavam longe, todavia brilhavam; levantou a cabeça e disse, ameaçando o nada com os braços:— Mentés!

Esta palavra foi a alma de Judas.

Semelhante aos denses de bronze, de pé sobre os seus pedestaes, Satanaz esperou mil annos com os olhos fixos nos astros. As estrellas estavam longe; porém brilhavam ainda. O terrivel habitante d'este cáhos riu-se e cuspiu. Essa saliva mais tarde foi Barrabás.

Um sopro que passou, o fez cabir mais abaixo...

II

A queda do condemnado começou novamente. Terrivel e sombrio, via como o céo cheio de estrellas se distanciava; a claridade tremulava e Satanaz, nú, sinistro e arrastado pelo peso do seu crime, cahia, e como um raio a sua cabeça abria o abysmo. Mais abaixo! mais abaixo! sempre mais abaixo! Tudo lhe fugia; nenhum obstaculo ao qual podesse agarrar-se, nem um monte, nem uma rocha inclinada, nem uma pedra. Nada!...

Espantado, cerrou as palpebras.

Quando abriu os olhos, brilhavam sómente tres sóes; os restantes estavam mortos.

III

Avistou uma rocha negra, como um braço que se estende. Alcançou-a; os seus pés lhe tocaram.

Então meditou no ser espantoso que se chama *jámais*. Inclinou a fronte, apoiando-a nas mãos criminosas. Os tres sóes, de longe, semelhantes a tres pupilas o fitavam, porém elle não os podia fitar. O espaço semelhava as planícies da terra quando á tarde no horizonte se contempla o crepusculo que entorna sobre nós os raios da noite. Aos pés do desterrado, estendia-se o nú comprehensivel.

Sentiu que lhe nasciam umas azas horriveis. Compreendeu que se transformava em monstro, e que n'elle o anjo expirava; foi quando sentiu maior angustia. Notou que as suas espaldas, luminosas n'outros tempos, estremece-ram ao odioso frio de tão horrendas azas; cruzando os braços, alçando a fronte, o bandido só, nas profundidades cheias de ruínas, olhou fixamente a caverna da sombra.

As trevas cresciam sem ruido. A opa-

ca escuridão cerrava o céu aterrador, e fazendo mais além do ultimo promontorio uma tenue mas medonha circumferencia, os tres sóes confundiam as suas tres irradiações.

Satanaz havia entrado em medonhas cavernas.

Dir-se-ia que existiam tres rodas de um carro de fogo quebrado após um combate, nos altos firmamentos.

Tudo era sinistro!

—Pois bem! exclamou o condemnado, seja! Ainda posso vencer! *Elle* terá o céu azul e eu terei o negro. Cré o acaso que eu irei humilhar-me á Sua porta? Odeio-o. Bastam-me tres soes. Que importa? Eu odeio igualmente o dia, o azul, o fulgôr e o perfume! Quero, e hei-de vencer-O...

Ouviu-se um medonho e sinistro trovão... depois apenas restava um sol...

J. P. MENIRO

SECÇÃO ILLUSTRADA

Sacrificio da filha de Jephthe

(Vid. pag. 233)

A NOSSA gravura representa Jephthe na occasião em que, reunindo todas as suas forças em Masphe, para ir combater os Ammonitas, antes de sair a campo fez o seguinte voto imprudente ao Senhor: «Se entregares nas minhas mãos os Ammonitas, eu te offerecerei em holocausto o primeiro que eu vir sair de minha casa e vier ao meu encontro quando eu voltar victorioso.»

Entrou pois Jephthe pelas terras dos Ammonitas para os combater. O Senhor entregou aquelles infieis nas suas mãos; e Jephthe derrotou-os e devastou as suas cidades desde Aroer, que ficava ao Sul sobre o Arnon, até Mennith, que ficava ao norte, quatro milhas desviada de Hesebon. D'alli dirigiu-se para leste e continuou na marcha victoriosa até Abel, a doze milhas de Gadara, n'um terreno coberto de vinhedos. Os Ammonitas perderam muitissimos homens n'esta derrota e nunca mais poderam levantar cabeça deante dos filhos d'Israel.

Depois da victoria, Jephthe voltou para Masphe e d'alli foi para sua casa. A sua filha unica foi a primeira pessoa que elle viu sair de casa ao seu encontro. Tinha sabido da chegada de seu pae, correrá a recebê-lo e para lhe testemunhar a sua alegria vinha dançando ao som de tamboris.

Ao vê-la, Jephthe recordou-se do voto que fizera, e, na sua dôr, rasgou os vestidos exclamando: «Ai, minha filha, que cruel decepção! Vens para teste-

munhar a tua alegria e fazer-m'a compartilhar, e causas-me uma horrivel tristeza que vae recahir sobre ti propria. Porque eu fiz voto ao Senhor de lhe offerecer o primeiro ente que saise de minha casa para me receber, e não posso faltar á minha promessa.»

A filha respondeu-lhe com resignação: «Meu pae, se fizeste um voto ao Senhor, justo é que o cumpras, depois da graça que Deus te fez de tirares tão solemne vingança de teus inimigos e alcançares sobre os filhos d'Ammon tão grande victoria. Faze pois de mim o que prometteste. Si te peço uma cousa, e é que me deixes ir estar dois mezes nas montanhas para chorar a minha virgindade com as minhas amigas.»

«Vae», disse-lhe Jephthe. E deixou-a livre n'aquelles dois mezes. Saiu pois com as companheiras e amigas e ia chorar para as montanhas. Acabado os dois mezes voltou para a companhia de Jephthe. O infeliz pae cumpriu ácerca da filha o que promettera, e nunca ella casou. D'ahi nasceu em Israel o costume, que muito tempo foi usado, das donzellas d'Israel se juntaram uma vez no anno, para prantearem durante quatro dias a filha de Jephthe.

O abbade Drioux commenta assim esta passagem:

«Tal é a narração que a Biblia nos faz do sacrificio da filha de Jephthe. Houve commentadores que pensaram que se tratava d'uma immolação sangrenta e consideraram com razão tal acto como impio e cruel. Com effeito seria uma violação da lei divina e da lei natural. Mas como a lei mosaica condemnava categoricamente os sacrificios humanos, não somos d'opinião que Jephthe, que bem conhecia a historia e os usos da nação a que pertencia, fosse capaz de fazer um voto prohibido pela religião que elle professava. E ainda que se determinasse a fazê-lo, não é crível que encontrasse sacerdotes para o consummarem e que as pessoas presentes o consentissem. Todos reclamariam contra uma tal violação dos mais naturaes sentimentos e ninguem se persuadiria que se tornava agradável a Deus deshonrando os seus altares com um sacrificio que elle proprio chama abominação e contra o qual fulmina os anathemas mais severos.

Julgamos que se tratou apenas d'uma immolação simplesmente espiritual, e que Jephthe se julgou obrigado por voto a consagrar a filha ao Senhor empregando-a no serviço do tabernaculo e que d'ella exigiu por tal motivo que renunciasse ao casamento. O sacrificio foi dolorosissimo para o pae, porque, obstando a que casasse sua filha unica, via extinguir-se a familia na pessoa d'ella, e tambem havia de custar muito á filha de Jephthe submeter-se á von-

tade do pae, porque aos olhos dos Judeus a esterilidade era um opprobrio e era olhada como a maior das infellicidades o morrer sem deixar prole. Eis a razão das suas lagrimas e do luto de suas companheiras, e todo o povo viu na sua abnegação um tão grande acto de heroismo, que ficou celebrando annualmente a sua memoria.»

Commemoração dos fieis defunctos

(Vid. pag. 239)

Era commum entre os christãos da primitiva Igreja honrar os santos, fazer oração a Deus pelos defunctos, offerecer o santo sacrificio da missa em reverencia d'uns e por modo de suffragio para allivio e libertação d'outros. Mas a Igreja contentou-se por largo tempo em rogar a Deus pelos mortos em particular, sem designar dia para a commemoração de todos em commum. Só tomou esta deliberação depois de ter estabelecido a festa de Todos os Santos, designando o dia immediato para memoria de todos os defunctos e ordenando que n'esse dia se celebrasse o santo sacrificio da missa por todas as almas justas que estão penando no Purgatorio.

Santo Odilon, abbade de Cluny, convencido da grande efficacia e proveito das orações, sacrificios e esmolas que fazia diariamente pelos mortos, instituiu para todos elles uma commemoração igual nos mosteiros da sua Ordem, prescrevendo um officio commum para commendar a Deus todos os fieis falecidos na sua graça, mas ainda detidos nas penas para se purificarem antes d'entrarem na posse da bemaventurança, escolhendo para esta caritativa commemoração o dia immediato á festa de Todos os Santos, por lhe parecer mais conforme á ideia da Igreja sobre a communhão ou communicação que ha entre uns e outros. O decreto geral foi expedido para toda a Ordem no anno 998.

O santo abbade nada fez de novo: apenas designou o dia para a commemoração de todas as almas do Purgatorio; pois, quanto ao mais, já muito antes de Santo Agostinho costumava a Igreja offerecer o santo sacrificio da missa por todos os defunctos em geral.

Deve-se, porém, á piedade de Santo Odilon que se haja estabelecido dia fixo para esta festa, dando occasião á Igreja d'instituir uma festa universal e de preceito ao menos quanto ao officio, de modo que, de particular á ordem de Cluny, se tornou geral.

Em Inglaterra esta festa já se acha

instituida desde o começo do decimo terceiro seculo, como consta do concilio de Oxford, celebrado em 1222.

O concilio de Treves, que se celebrou em 1549, declarou-a festa até ao meio dia em toda a provincia. Póde, pois, afirmar-se que poucas devoções ha mais antigas e mais universaes do que a de rogar a Deus pelos mortos. N'este artigo estiveram sempre d'accordo a Igreja grega e a latina.

SECÇÃO NECROLOGICA



A' memoria do meu querido amigo Padre José Joaquim d'Affonseca Mattos

É hoje, querido amigo, o trigésimo dia do teu passamento! Vou teecer-te a corôa, render-te o tributo de admiração e saudade, de que a tua memoria é digna e será sempre venerada e lembrada nas diferentes partes da terra, — pois que foste um cosmopolita — onde brilhavam a derramar a luz da fé e da salvação as tuas heroicas virtudes sacerdotaes e apostolicas. Se ainda vivesses, a tua modestia seria um véto a contrariar-me a manifestação do que tu eras, e que agora é necessario se saiba bem, para que sejam dadas condignas graças e louvores ao Senhor de Quem soubeste ser servo tão bom e fiel; e te arrebatou, por isso, no maior ardor da tua dedicação pelos que junto da tua morada passam na penitencia horas tristes de soledade e angustia! Quiz Elle premiar já a tua provara dedicação, fazendo-te sahir d'esta terra de lagrimas e infortunios, para que na Jerusalem Celeste fosses ouvir os angelicos canticos, cujos echos incessantemente reboam pela amplidão d'aquellas eternas moradas dos santos jubilos!

O berço da Monarchia, lá onde resoaram as vozes e a dedicação de genios e corações patriotas como o do egregio *Canonista* Barbosa, do legendario Egas Moniz e do fidelissimo Gomes de Abreu, foi tambem o berço onde em março de 1833 nasceu o meu chorado amigo Affonseca Mattos. existindo ali hoje alguns seus sobrinhos menores, filhos orphãos de sua irmã mais nova, e a outra irmã mais velha, que se conservou solteira, ambas as quaes conheci em 1876 em Lisboa por occasião da ultima querer entrar no Instituto das boas Irmãs Dorotheas.

Ali mesmo em Guimarães fez os es-

tudos de instrucção primaria e começou o de humanidades.

Aos dezeseite para dezoito annos era elle já um dos redactores do *jornal manuscripto*, que os academicos vimaranenses fizeram circular com o nome de *Grizeta*.

Internado depois no Seminario de S. Caetano, em Braga, onde então era notavel professor Fr. Miguel Justino, egresso beneditino, passou a cursar a aula de geographia no Lyceu, e em seguida as do curso theologico, no Seminario de S. Pedro, sendo ali que, eu *transmontano* e elle minhôto, nos encontramos no anno lectivo de 1851 para 1852, e cimentamos essa intima e mutua amizade, que só terminou, cá no mundo, poucas horas antes d'elle voar para o seio de Deus (1).

Collaborou na *Atalaia Catholica* de Braga, durante a sua residencia n'esta cidade, d'onde se ausentou em fins de 1854, indo com o nosso commum amigo e condiscipulo Manoel dos Santos, de Roços, (onde hoje exerce com edificacão e zelo o munus sacerdotal) e mais com o joven Gabriel de Moura Coutinho, de Basto, talento precoce e transcendente (fallecido, já escolastico S. J., no collegio de Campolide) para o Collegio das Missões Ultramarinas, então no Bombarral.

Mandado do Bombarral para o Hospicio da Mouraria, em Lisboa, afim de se aperfeiçoar no estudo das linguas vivas n'esta capital, redigiu n'esse tempo o jornal *A Missão Portuguesa*. E o novel redactor da *Grizeta*, de Guimarães, collaborador da *Atalaia Catholica*, de Braga, e redactor da *Missão Portuguesa*, estacionou-se então facilmente e cultivou a amizade de varios jornalistas celebres, entre os quaes o notavel polemista José Maria de Sousa Monteiro, relações e amizade que mais tarde, quando já instigador e activo collaborador de quasi toda a nossa imprensa catholica, lhe deram ensejo para poder intervir em varias pugnas jornalisticas que terminavam logo que se fazia ouvir a voz amiga e carinhosa do que era de todos querido e a todos sympathico.

Talvez por notar falta de base solida no *instituto missionario* do Bombarral ou por se lhe apresentar talvez melhor caminho para com mais proveito servir a causa da Igreja e da salvação das

(1) Durante os meus 44 annos d'Africa, em Angola e Cabo Verde, nunca deixamos de entretor regular correspondencia epistolar, e a mesma continuou depois que ella e eu recolhemos a Portugal, fazendo-nos mutuas e frequentes visitas em Lisboa. A ultima vez que me escreveu para este meu oratorio, foi a dar-me pezames pela morte de meu irmão Elias, no começo do corrente anno.

almas, seguiu novo destino para o seminario de Coimbra, onde foi perfeito e creio se ordenou em 1856.

Em 1858, chamado por Deus, foi para Hespanha, d'onde, ligado já ao Instituto de Santo Ignacio, regressou a Portugal, foi professor no Collegio do Barro e no Seminario de Sernache do Bomjardim, d'onde partiu para o Seminario de Macau em 1862 na companhia do sabio philosopho Francisco Xavier Rondina e de mais alguns irmãos.

José Joaquim d'Affonseca Mattos, como estudante, mostrou-se sempre de prompta comprehensão, fino criterio, e muita erudição. No trato com os condiscipulos, o seu genio simples e affavel, mas muito pratico e circumspecto, conquistava-lhe a amizade de todos, entre os quaes foi sempre um como anjo de paz e de bom conselho. Como varão apostolico, ali ficou bem fulgurante e valioso o trilhho que seguiu pela Palestina, em visita aos Logares Santos (1), pela China, onde cêrca de 9 annos exerceu com infatigavel zelo o triplice sacerdocio de jornalista catholico, nos jornaes de Macau e de Hong-Kong; do magisterio, no Seminario e outros estabelecimentos de Macau, escrevendo por esse tempo uma *grammatica portugueza*; de confessor e pregoeiro da divina palavra, por todos os templos da mesma cidade de Macau, indo tambem em peregrinação a Sanchão, logar celebre onde falleceu o Apostolo das Indias S. Francisco Xavier e esteve depositado seu venerando corpo antes de ser transferido para o seu tumulo de prata, na velha cidade de Goa.

Alquebrada a saude com tantos trabalhos e com a influencia do clima, recolheu á Europa, visitando n'este regresso o Japão, a ilha de Norfolk, na Oceania, a California, onde tratou com o celebre Cacique que falleceu ha poucos annos com 125 annos de idade, e que tinha dado terrenos, e ajudado a fundação do Collegio de Santa Clara. E atravessando o continente Americano foi ter á cidade de Chicago nos Estados Unidos do Norte, se embarcou ali para a Inglaterra, e passando á França, visitou em Paris Luiz Veuillot, que foi distinctissimo controversista e redactor do *Univers*, a quem o apresentou e recommendou o sabio Padre Gloire, auctor da importante obra *Les Livres Saints vingés*, e de quem Padre Mattos foi commensal durante a sua estada em Paris. Seguiu de Paris para o Collegio de S. Marcos em Leão de Hespanha e lá residiu bastante tempo. Regressando

(1) Na semana santa de 1887, vi no Collegio do Barro uma vela com uma etiqueta de sua letra, declarando ter a dita vela estado accessa ante o Santo Sepulchro.

a Lisboa em 1872 ou 1873, ali continuou com zelo os seus trabalhos apotóxicos e jornalísticos, nas egrejas, cadeias, hospitaes e asylos, e na collaboração do *Echo de Roma*, da *Palavra* e da *Ordem*. E creando o *Novo Mensageiro*, foi este o mais alto monumento que deixou erguido para attestar os seus subidos merecimentos de escriptor, pela clareza, concisão, pureza e vernaculidade da linguagem, e pela critica fina, severa, e ás vezes ligeira e graciosa-mente mordaz. (1)

As cartas a um velho na Asia e a um novo na India são um modelo no genero de noticiarista: a que escreveu ácerca da peregrinação ao Sameiro em 1894, é um verdadeiro primor de eloquencia descriptiva, de bom gosto e de poesia, que arrebatava a alma e o coração do leitor ao parecer-lhe vêr tanto ao vivo passarem ante si as amenas campinas e serranias do Minho, e as fervidas ondas d'essas gentes do norte tão cheias de vida, de fé e de patriotismo! E' que foi n'aquella velha terra do Minho que soaram os primeiros brados da independencia nacional portugueza; e foi por lá que tambem se ouviram os primeiros pregoeiros do evangelho, dos quaes o Apostolo S. Thiago foi mestre e guia.

Padre Mattos, missionario e jornalista tão conhecido e popular, torna-se cada vez mais humilde, provando seu grande adiantamento na eschola de Jesus, seu vivo modelo, e perpassa des- preoccupado pelas ruas de Lisboa para ir a diferentes egrejas e asylos fazer catecheses ás criancinhas, para visitar com frequencia os doentes nos hospitaes, e os presos na penitenciaria.

Esta, sobretudo, é por onde elle passou os ultimos annos da sua vida, pelo que fixou residencia no Collegio de Campolide.

Embrenhava-se gostoso quasi diariamente por aquellas tristes soledades a derramar bençãos, luz, consolações e esperanças por todos os desventurados nostalgicos, que ali gemem, expiando a pena de seus passados crimes.

O reaparecimento de antigos padecimentos diabeticos e aggravamento d'uma lezão no coração, fizeram-no soffrer horrivelmente desde os fins de agosto ultimo até segunda-feira, dia 7 de setembro, em que pelas 10 horas da manhã morreu *in osculo Domini* no Collegio de Campolide, confortado

(1) Escreveu algumas obras, sendo a de mais fologo *O Liberalismo Desmascarado* mostrando-se em todas bom prosador, erudito e conhecedor das questões sociaes, que tão justamente prendem a attenção dos pensadores dos nossos dias.

com todos os sacramentos, que recebeu com vivissima fé, e assistido pelas preces dos seus confrades, de quem era o decano.

Pôr ser instantaneamente necessario vir celebrar o Santo Sacrificio n'este meu ermiterio, retirei-me d'ali (onde estive 7 dias e tive occasião de presenciar a heroicidade christã com que elle soffria, tendo sempre em seus labios o doce nome de Jesus) 26 horas antes do seu passamento, bem convencidos ambos de que elle estava proximo. Foi tristemente solemne a nossa despedida, em que Padre Mattos se ergueu para me abraçar e dar-me o ultimo adeus!

Agora, querido amigo, quando me parece estares já no pacifico gozo da luz eterna, embora suffrague ainda tua alma, roga ao Senhor por mim, para que eu saiba e possa seguir bem os santos exemplos que a todos nos dêste, afim de brevemente nos reencontrarmos lá no céu! Adeus, querido amigo, até lá!... adeus!

Ermiterio de Santa Eulalia no con- celho de Mafra, 7 de setembro de 1896.

CONEGO FRANCISCO MARIA CONSTANTINO FERREIRA PINTO.

RETROSPECTO

A maçonaria ladra d'hostias consagradas

O que vae ler-se é transcripto de *La Croix*:

Vimos, ha dias, uma rapariga d'uns 28 annos ir bater á porta d'uma de nossas casas hospitaes de Chartres e pedir, com lagrimas nos olhos, que a acolhessem e occultassem. Esta rapariga vinha de S., villa da Bretanha, onde esteve servindo uma familia honesta. Um dia uma pessoa estranha e bem traja- da, que dizia viver em Paris, e en- tão de passagem por S., acercoou-se d'ella, interrogando-a e foi confidente de suas decepções ou talvez de suas leviandades. E andou tão arteinamente, que com seus perfidos conselhos e pro- messas induziu-a a que abandonasse a casa de seus amos e com ella fugisse para Paris, «onde devia levar uma vida tranquilla com muitas companheiras, sem trabalhar».

Tomaram o caminho da capital, indo de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e quasi que de casal em casal, ora a pé, ora em caminho de ferro. Comprehende-se que o fim d'esta má mulher n'estas curtas viagens era re- crutar outras ingenuas. A fortuna, po- rem, foi-lhe adversa, e, quando chegou a Chartres, só levava a pobre bretoa.

Uma particularidade da viagem fez que a pobre creada começasse por des-

confiar. Quando chogava a alguma ci- dade, a tal *senhora* ia logo direita á *mairie*, mostrava aos empregados uma placa metalica de um feitto especial, com inscripções e symbolos. N'algumas partes os empregados, quando se lhes apresentava a placa dispensavam-lhe logo soccorros, e n'outras olhavam-na sem a comprehender e nada lhe davam. A creada começou a desconfiar de que aquella mulher fazia parte d'alguma sociedade secreta, e explorava um vil mister.

Estas suspeitas tornaram-se-lhe em certeza quando chegaram a Chartres. «Avisinhamo-nos de Paris, lhe disse a sua nova ama; quando lá estivermos, irás á igreja com algumas companhei- ras, d'onde trarás HOSTIAS.»

Esta declaração foi para a infeliz rapariga como um veu que lhe cahiu dos olhos.

Para angariar algumas recrutas em Chartres e cumprir sósinha mais facil- mente o seu abominavel officio, aquella diabolica mulher teve a ideia de levar a sua victima á cathedral fazendo-a sentar deante do altar de Nossa Senhora do Pilar, onde devia esperar até que a fosse buscar. De joelhos ante a Vir- gem, a triste chorava, inquieta e per- turbada, quando de repente uma ideia luminosa lhe crusou o espirito: fugir... Levantou-se com precipitação, olhou em derredor de si, e sahiu a vaguear pela cidade em busca d'um asylo. E achou-o; estava salva.

Depois de dois dias de voluntaria reclusão, segura já de que não era es- piada pela serventaria da maçonaria, mettu-se de noite no comboio em cam-inho da Bretanha, onde hoje procla- ma a misericordia de Nossa Senhora usada para com ella.

O Rosario

Tendo sido convidado o Padre Con- way para visitar um nobre familia de Londres, ficou admirado ao ver que a senhora da casa trazia, entre ricas pulseiras, um modesto Rosario, cuja historia, segundo ella contou, é a se- guinte:

«Filha de paes protestantes, cuja re- ligião era tambem a de meu marido, e persuadida de que os catholicos eram uns ignorantes idolatras, tinha todo o cuidado em não admittir creado que fosse papista. Um dia a minha creada entrou no meu quarto com este Rosario que, segundo a porteira, pertencia a uma vendedeira de hortaliças, que cer- tamente o perdeu.

«Depois de examinar aquelle, então para mim estranho idolo dos papistas, e de o mostrar a meu marido e cunhado, decidimos divertir-nos, no dia seguinte, á custa da pobre vendedeira, a quem chamamos a nossa casa, e a qual louca,

de alegria por encontrar o seu Rosario perdido, a nosso pedido nos deu explicação do que significava, do modo de o recitar e dos mysterios. Fez isto com tal fervor e tão singela eloquencia, que, longe de escarnecermos d'ella, a escutamos em silencio. Tal impressão produziu em mim aquellá explicação do Rosario, que não tardei em pedir que me instruissem na religião catholica, que, por fim, abracei, conseguindo pouco depois que meu marido e meus filhos imitassem o meu exemplo. Desde então o modesto Rosario da pobre vendedeira, que m'o deixou na hora da sua morte, é para mim a mais rica e a mais preciosa das minhas joias.»

Caridade á... republicana

Em Mouvaux, (França) a camara municipal supprimiu os soccorros da repartição de beneficencia ás familias que mandam seus filhos á escola catholica.

Uma pobre mulher, viuva, mãe de tres filhos, foi ter com o encarregado d'esse serviço para que lhe dêsse os vales e o dinheiro que costumava receber.

Este recusou-lhe tudo, dizendo que, se tinha meios para pagar a instrução de seus filhos, tambem os podia alimentar.

Em Mouvaux, — diz o jornal d'onde transcrevemos esta noticia — toda a gente sabe que uma pessoa caridosa se encarrega da educação d'aquelles tres orphãosinhos, e que sua pobre mãe não o poderia fazer. Ella respondeu, pois, ao seu interlocutor:

«—Uma generosa senhora paga por mim; eu não tenho dinheiro, o senhor bem o sabe.»

Eis a replica que obteve:

«Vá a essa senhora e diga-lhe que, assim como lhe paga a escola, lhe pague o resto.»

La Croix commenta:

«O «maire» oportunista de Mouvaux, snr. Vincent, medico, auctor da medida de suppressão do que se trata, comquanto possuia uma bella fortuna particular, conseguiu obter um subsidio para estudos ha mais de dez annos.

«Se o snr. Vincent fosse ter com o governador civil e lhe dissesse: «o Estado paga a instrução de meu filho,

por isso deve tambem pagar a sua alimentação, vestuario, etc.», aquella auctoridade certamente o mandaria sahir como insolente ou doido. Pois é este precisamente o raciocinio applicado á situação da infeliz viuva pelo empregado municipal referido.

Que dizeis vós, leitores, d'estas iniquidades?

Para elles os subsidios, os empregos, as sinecuras, mesmo quando são ricos; para os catholicos a miseria e a fome...

O Papa e o sultão

Telegrapham de Roma ao *Standard*:

O Papa enviou ao sultão uma carta em que lhe pede, em nome de Deus, que ponha fim ás atrocidades que se estão commettendo contra os christãos.

Esta carta foi remettida pelo delegado apostolico em Constantinopla.

Um jornal de Paris accrescenta:

«O facto da remessa da carta é exacto sem que se possa dizer quaes são os seus termos.

Emquanto a diplomacia das potencias que dispõem de navios e de canhões para fazer terminar os massacres, permanece inactiva, o Papa ergue a voz em favor dos infelizes armenios.»

Jesuita celebre

Falleceu na Hollanda o Padre Van Schyndel, que havia fundado circulos de estudantes catholicos nas Universidades de Leyden e Amsterdam.

Monsenhor Keane

Sua Santidade demittiu de Reitor da Universidade catholica de Washington Monsenhor Keane. O Soberano Pontifice offereceu ao illustre Prelado ou uma sé archiepiscopal nos Estados Unidos ou o logar de Consultor da Congregação dos Estudos e da Propaganda. Monsenhor Keane, agradecendo ao Santo Padre, optou pela permanencia na sua patria, sem posição alguma official, entregue á paz e tranquillidade da solidão.

Congresso catholico da Sicilia

O congresso catholico, que se reuniu ha pouco na Sicilia, foi muito interessante, já pelas materias alli tratadas,

já pelas especiaes e criticas circumstancias da mesma ilha.

Os que tomaram parte nas sessões eram principalmente personagens ecclesiasticos e seculares da ilha.

O Arcebispo de Catania, Monsenhor Nava di Bontifé, que depois de haver desempenhado a nuncioatura em Bruxellas, foi nomeado para a de Madrid, manifestou a adhesão ás resoluções do Congresso.

O conego Cinquemani demonstrou que o proposito d'esta classe de congressos não é senão o de preparar em tudo o reinado de Jesus Christo.

O advogado Pandolfi tratou especialmente da influencia que exerce a imprensa dos sectarios e da maneira mais conveniente de a combater.

O parochio Pandolfo fallou da *Liga do silencio da Igreja*, associação de que ainda não tinhamos visto noticia e que parece se está propagando muito em toda a Sicilia.

Depois d'alguns discursos dando conta de recentes peregrinações, o dr. Cerutti chamou a attenção do Congresso para assumptos praticos do regimen da Sicilia, como a situação presente dos lavradores e as caixas ruraes; e o Padre Torregrosa, insistindo em questões analogas fallou das predicas socialistas aos operarios, e dos meios que devem empregar-se para ensinar a estes os seus verdadeiros interesses.

O novo Nuncio em Paris

Monsenhor Clari, Bispo de Viterbo, novo Nuncio Apostolico em Paris, tem 60 annos. Nasceu em Sinigaglia. Foi Conego titular e arcypreste da cathedral de Sinigaglia, camareiro de Sua Santidade, Bispo de Amelia e Bispo de Viterbo.

Conversões na Armenia

Diz-se que em consequencia das catastrophes da Armenia, e tendo-se observado que os armenios unidos conservavam um comportamento exemplar, se desvaneceram muitas preocupações n'aquelle paiz, se conheceu por fim onde está a verdadeira força moral e se tem effectuado bastantes conversões ao catholicismo.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis — Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 14000 reis — Estados da India, China, o America, 12280 reis, moeda portugueza —
Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74 — PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto